

Telejornalismo e Violência Policial: Uma Análise da Cobertura da Operação que Resultou na Morte de 14 Pessoas no Rio de Janeiro¹

Fábio CANATTA²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão acerca da cobertura da violência policial no telejornalismo brasileiro. O objetivo é discutir de que forma este problema tão complexo tem sido retratado. O objeto de pesquisa é o conjunto das reportagens dos quatro principais telejornais do País – Jornal Nacional, Jornal da Record, Jornal do SBT e Jornal da Band – sobre uma operação da Polícia Militar que resultou na morte de 14 pessoas, no dia 8 de fevereiro de 2019, no Rio de Janeiro. O autor analisa as matérias a partir do método análise de imagens em movimento proposto por Rose (2002). O resultado aponta para uma cobertura rasa, descontextualizada e simplista, que não problematiza a operação policial apesar das circunstâncias e do número de vítimas.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; jornalismo; direitos humanos; violência.

1. INTRODUÇÃO

A violência ocupa um espaço importante da programação das emissoras de televisão no Brasil, em especial, de canal aberto, seja em programas policiais dedicados especialmente ao tema ou em telejornais generalistas. Porém, a reflexão em pauta não é a quantidade de tempo dedicado ao assunto, ainda que esse registro também seja representativo. A análise proposta aqui é sobre a abordagem e o tipo de cobertura que, muitas vezes, aprofundam e potencializam alguns dos piores defeitos do telejornalismo diário: a simplificação dos problemas, a superficialidade na abordagem, a ausência de contextualização dos fatos numa perspectiva mais ampla, a falta de pontos de vistas diversos e a valorização do espetacular na busca por audiência.

Fazer telejornalismo diário - com as pressões impostas pelo tempo, com as dificuldades oferecidas pela limitação na estrutura física ou de pessoal das emissoras e, ainda, com a cobrança permanente da direção por mais audiência devido ao aspecto mercadológico da notícia -, sem deixar de lado a reflexão ética, o compromisso público, e, ainda enfrentar a complexidade dos fatos que envolvem a violência urbana no Brasil, não é uma tarefa fácil.

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019

² Professor de Jornalismo da Escola de Comunicação Artes e Design – Famecos/PUCRS, doutorando em Comunicação do PPGCom da Famecos, fabio.canatta@pucrs.br

Neste contexto, a presente pesquisa se propõe a uma reflexão em torno dos problemas e desafios enfrentados pelo telejornalismo diário na cobertura da violência urbana, em especial, a policial. Para tanto, o autor definiu como objeto desta pesquisa a cobertura da operação policial na comunidade do Fallet, região Central do Rio de Janeiro, que resultou na morte de 14 pessoas no dia 8 de fevereiro de 2019.

Os objetivos da pesquisa são: analisar a cobertura dos quatro principais telejornais das maiores emissoras do Brasil – Jornal Nacional, da Globo; Jornal da Record, da Record; Jornal do SBT, do SBT; e Jornal da Band, da TV Bandeirantes –; descobrir se o fato foi valorizado na sua dimensão e noticiado na sua complexidade; e, por último, verificar de que forma as vítimas da ação policial foram tratadas nas reportagens.

2. A TELEVISÃO E O TELEJORNALISMO

A proposta de pesquisa enseja uma série de reflexões sobre conceitos que perpassam a televisão, o telejornalismo, suas características e dinâmicas de produção. Em torno desses eixos, o autor propõe a discussão envolvendo as ideias de laço social (Wolton, 1996), de efeito do real (Bourdieu, 1997), a noção de espetáculo (Debord, 1992) e a crítica à superficialidade das coberturas televisivas (Chauí, 2006).

No prefácio à edição brasileira de Elogio do Grande Público, Dominique Wolton destaca que “não só o espetáculo em imagem seduzia imediatamente, como também a janela para o mundo proporcionada pela informação, pelos documentários, filmes e espetáculos estrangeiros fizeram da televisão um dos meios instrumentais da emancipação cultural”. Para o sociólogo francês, a história da televisão está diretamente ligada ao “surgimento da democracia de massa e da progressiva abertura para o mundo” (1996, p. 7).

Se por um lado a televisão sempre proporcionou o convite ao novo e a possibilidade da descoberta, por outro lado, ela enseja a sensação de estar no mundo provocada pela sequência infindável de imagens e, em especial, por criar uma experiência comum aos seus inúmeros telespectadores. A esta última Wolton chamou de laço social.

No conceito de Wolton, o telespectador integra um imenso grupo de indivíduos anônimos que, como ele, também assistem televisão naquele exato momento, o que estabelece entre eles um laço invisível. “Assisto a um programa e sei que outra pessoa o assiste também, e também sabe que estou assistindo a ele” (1996, p.124). Trata-se, portanto, de uma espécie de conexão silenciosa que une independente da consciência do ato.

Assim, o que assistimos na televisão é o que, muitas vezes, sobra de vida a ser compartilhada no mundo contemporâneo. De tudo que nos separa e diferencia numa rotina permanentemente conectada – e, portanto, personalizada –, a televisão nos possibilita compartilhar experiências e se constitui num dos poucos elementos que une e aproxima o grande público. Características que dão um significado atual à seguinte frase de Wolton: “Ela (a TV) é o “barqueiro”, o grande “mensageiro” da sociedade de solidões organizadas, reduzindo as exclusões mais poderosas da sociedade de massa” (1996, p.135).

Vizeu (2009) destaca o caráter de conhecimento crítico oferecido pelo jornalismo televisivo. Ele defende que a atividade permite a interpretação da realidade social e estimula a participação da sociedade, na direção do exercício da cidadania – é a grande praça pública do Brasil. Para ele, o telejornalismo, mais do que oferecer informação, ajuda na organização da perspectiva pessoal de mundo, dá visibilidade aos grandes temas e, acima de tudo, é um lugar de referência por construir a realidade.

... o noticiário da televisão é um lugar de referência. Ou seja, ele nos mostra que o mundo existe, está presente na telinha. O que os jornalistas fazem diariamente é organizar o mundo procurando torná-lo mais compreensível para homens e mulheres... (VIZEU, 2009, p.77)

Por outro lado, a análise de Bourdieu é mais crítica. O também sociólogo francês chama atenção para uma permanente urgência na dinâmica de produção da TV, que contribuiria para a exiguidade do tempo. “[...] se minutos tão preciosos são empregados para dizer coisas fúteis, é que essas coisas tão fúteis são de fato muito importantes na medida em que ocultam coisas preciosas.” (BOURDIEU, 1997, p. 23).

Bourdieu acredita que essa futilidade - cuja origem estaria na lógica de mercado e no aspecto comercial do negócio - dificultaria a reflexão e o pensamento, levando a um tratamento, por vezes, superficial e dramatizado. O espaço televisivo seria uma espécie de “árbitro de acesso à existência social e política”, capaz de determinar o efeito do real e de influenciar construções sociais (BOURDIEU, 1997, p. 29).

A lógica comercial transforma o produto televisivo numa mercadoria, que precisa ser vendável e atraente, reforçando o caráter de entretenimento. Chauí (2006) também chama a atenção para a rápida velocidade como característica da notícia na televisão, o que revelaria uma tendência à objetividade e à superficialidade. E, por consequência, a

falta de espaço para uma abordagem mais aprofundada, que estimule a reflexão e o pensamento crítico.

Segundo Chauí (2006), os telejornais dedicam uma grande parte do tempo a notícias sobre crimes como se tais crimes tivessem surgido do nada, repentinamente. O resultado da enxurrada de notícias é uma população ameaçada e amedrontada. Todavia, os noticiários não estabelecem qualquer relação entre a criminalidade e suas possíveis causas, deixando as pessoas sem perspectivas. (CHAUÍ, 2006, p.46).

A espetacularização no jornalismo televisivo é também uma alternativa cuja a intenção é mobilizar a atenção do telespectador, com imediata repercussão na produção de sentidos. Szpacenkopf explica que a estratégia envolve mesmo o público que diz não se interessar por notícias sobre violência, “[...] seja porque querem estar informados, seja porque precisam saber o que pode lhes acontecer, seja porque defensivamente podem ver na tela o que poderiam fazer, mas que são os outros que fazem” (2003, p. 257).

Para Canavilhas (2001), a espetacularização das notícias na TV é resultado da predominância da observação sobre a explicação. A característica tem relação com o esforço permanente de obtenção e manutenção da audiência. Essa dinâmica impacta na lógica de produção dos conteúdos de uma forma geral, interferindo, inclusive, nas rotinas jornalísticas. O exibido pela TV é mais completo, atraente e espetacular do que o fato em si, do que a observação possível no local do fato. Esse procedimento de complementação da realidade através de mediação é, para ele, a espetacularização.

3. CASO FALLET E A VIOLÊNCIA NO BRASIL

Uma operação da Polícia Militar, realizada no dia 8 de fevereiro de 2019, resultou na morte de pelo menos 14 pessoas no morro do Fallet, região central do Rio de Janeiro. Conforme a PM, as mortes são consequência de um confronto com troca de tiros. A comunidade, por outro lado, garante que os homens estavam rendidos dentro de uma casa, não oferecendo qualquer resistência, e, mesmo assim, foram executados pela polícia.

A ação reuniu o Batalhão de Operações Especiais (BOPE) e o Batalhão de Choque e começou, segundo a polícia, após uma série de confrontos entre grupos criminosos que brigam pelo controle do tráfico na região. A corporação informou que foram apreendidos com o grupo doze pistolas, três fuzis, carregadores e granadas.

Os corpos das vítimas foram retirados do local do crime e levados, junto com os feridos, para o Hospital Souza Aguiar, dificultando o trabalho da perícia na investigação. As circunstâncias da ação policial são alvo de investigação da Corregedoria da Polícia

Militar, da Polícia Civil e também do Ministério Público. A Defensoria Pública da União (DPU) comparou o caso às chacinas de Vigário Geral (1993) e Nova Brasília (1994). A DPU estuda levar o caso a instituições internacionais como a Organizações das Nações Unidas (ONU) e a Organização dos Estados Americanos (OEA).

3.1 VIOLÊNCIA POLICIAL

A violência policial é uma constante no Brasil. O número de mortos em decorrência de ações da polícia aumentou 20,5% de 2016 para 2017 segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Assim, em 2017, foram 5.144 vítimas mortas por policiais civis ou militares, em trabalho ou não. De cada 100 pessoas mortas intencionalmente no País, 15 foram assassinadas por policiais.

No Rio de Janeiro a situação é ainda pior. A Polícia Militar fluminense matou 434 pessoas no primeiro trimestre de 2019³, numa média de sete óbitos por dia. O número é o maior registrado desde 1998, quando o Instituto de Segurança Pública do Rio (ISP) iniciou o levantamento.

Segundo a Anistia Internacional, a polícia brasileira é a que mais mata no mundo. Conforme o relatório, de uma forma geral, são, em sua maioria, pessoas atingidas depois de rendidas ou mesmo feridas. O levantamento aponta ainda a impunidade como características desses crimes. Das 220 investigações envolvendo homicídios cometidos por policiais desde 2011, a grande maioria dos autores dos disparos nunca foi punida. E, segundo a Anistia Internacional, 183 investigações não foram sequer concluídas até a publicação do relatório em 2018.

4. ANÁLISE

O desafio de estabelecer critérios para uma análise rigorosa de um material audiovisual está na complexidade e na diversidade de sentidos estabelecidas pela imagem, cuja leitura é individual, subjetiva e pode variar conforme o capital intelectual de cada um.

Nunca haverá uma análise que capte uma verdade única do texto. Por exemplo, ao transcrever o material televisivo, devemos tomar decisões como descrever os visuais, se vamos incluir pausas e hesitações de fala, e como descrever os efeitos visuais, tais como música ou mudança de iluminação. (ROSE, 2002, p.344)

Para sistematizar o método, Rose (2002) descreve uma série de etapas que podem ser seguidas pelos pesquisadores na aplicação da análise de imagens em movimento.

³ Número de mortes por intervenção policial no RJ é o maior nos últimos 20 anos; apreensão de fuzis bate recorde em 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/y2py2t5h> Acessado em: 24/05/2019

Porém, deixa claro que cada um deve cumprir e adaptar as etapas conforme a orientação de cada projeto de pesquisa. A primeira etapa é definir a amostra e selecionar o material para análise. Para este artigo, o pesquisador estabeleceu as matérias exibidas no dia 8 de fevereiro – data da operação policial – sobre o “caso Fallet” nos quatro telejornais nacionais mais tradicionais e mais vistos do Brasil: Jornal Nacional, Jornal da Record, Jornal do SBT e Jornal da Band.

O passo seguinte foi a transcrição, etapa também chamada pela autora de translação, cuja finalidade é “gerar um conjunto de dados que se preste a uma análise cuidadosa e a uma codificação” (ROSE, 2002, p. 348). Do ponto de vista prático e objetivo, a indicação é que o procedimento de transcrição aconteça em duas colunas: a da esquerda com os aspectos visuais da obra em análise - pode-se observar, por exemplo, a utilização de arte/grafismo que contenham informações adicionais ao texto ou ainda um tipo de imagem que impacta diretamente na compreensão do texto - e a da direita com uma transcrição literal do material verbal, o texto. Este processo foi feito em cada uma das reportagens analisadas, como aparece no exemplo a seguir:

IMAGEM	SOM
Apresentadora lê a cabeça da reportagem no estúdio	Treze pessoas morreram num confronto entre policiais e quadrilhas rivais no Rio de Janeiro
Imagem gravada com celular na vertical mostra casas na encosta de um morro sem movimento de pessoas	off1 – (sobe som de tiros) o som da guerra entre traficantes ecoa pelo Catumbi, em plena região central da cidade (sobe som de tiros).
Arte feita sob o mapa da região, apontando a localização das três comunidades	É aqui que estão as comunidades do Fallet, Fogueteiro e da Coroa, onde vivem nove mil pessoas. Os morros ficam frente a frente, separados por uma rua.
Imagens novamente na vertical mostrando o bairro e as casas	São dominados por traficantes e facções que brigam pelo controle do tráfico na região (sobe som de tiros)
Passagem da repórter Mônica Teixeira, com uma avenida movimentada ao fundo e a comunidade, o morro, em terceiro plano, bem ao fundo, sem qualquer movimento.	Passagem - Não é de hoje que essa região sofre com as disputas travadas por traficantes de facções rivais. Essa semana, bandidos do morro do Fallet tentaram invadir o morro da Coroa, deixando mais uma vez os moradores reféns dessa guerra.
Imagens de celular mostram uma rua da comunidade e uma arte destaca a movimentação de alguns homens em uma das ruas. Não dá para perceber o que estão fazendo.	off2 -Esse vídeo mostra o momento que traficantes tentam invadir o morro da Coroa.

Imagens captadas pela emissora de carros do Bope circulando nas ruas, policiais caminhando e viaturas estacionadas. Nenhuma imagem específica da ação descrita ou do local quem que ela teria ocorrido.	Hoje policiais do batalhão de Choque do Bope fizeram uma operação nas comunidades. A polícia recebeu informações de que nos fundos de uma casa no morro da Fallet havia mais de 20 traficantes que estariam fugindo. Os policiais disseram que foram recebidos a tiros, houve confronto. Treze pessoas foram mortas, dois homens ficaram feridos e onze foram presos.
Imagens externas do hospital e de pessoas de costas ou fora de foco, com o objetivo de preservar a identidade	Na porta do hospital para onde os baleados foram levados, parentes questionavam a ação da polícia
sonora de mulher que aparece de costas em primeiro plano, com imagem fora de foco e a voz distorcida	Sonora - Segundo disseram, eles estavam dentro de uma casa e pegaram os rapazes e mataram todos os rapazes. Aqui ninguém está isentando eles de estarem ou de fazerem e de viverem uma vida que não deve ser correta, mas o que a gente pede é que é pra prender, não é pra matar
Fotos, provavelmente fornecidas pelo Bope, mostram PMs em frente a uma viatura repleta de armamento.	Na operação foram apreendidos quatro fuzis, quatorze pistolas e granadas.

A análise do material selecionado observou aspectos comuns nas reportagens a partir da definição do seguinte referencial de codificação:

- a) **Tempo:** espaço ocupado por cada uma delas no telejornal do dia
- b) **Formato:** reportagem ou nota coberta por imagens cujo off foi gravado pelo apresentador
- c) **Fonte** das informações: o repórter menciona no texto a fonte para a história por ele contada? Se sim, qual(is)?
- d) **Sonora:** a reportagem leva ao ar entrevista? Se sim, de quem (comunidade, polícia, especialista, etc.)?
- e) **Passagem:** há ou não presença do repórter no local do fato?
- f) **Tratamento:** qual o tratamento dado aos mortos, vítimas da operação policial? Como são chamados? Homens, vítimas, suspeitos, bandidos, etc.?
- g) **Circunstância:** Como são explicadas as mortes? Confronto ou execução?
- h) **Contexto:** a reportagem oferece uma contextualização do problema (dados, recuperação histórica, origens, comparação com o problema em outros locais, pontos de vistas diferentes, etc.)?

Em síntese, os procedimentos metodológicos para fins de análise deste trabalho aconteceram na seguinte sequência: definição do corpus; seleção, entre todas as

reportagens, daquelas que tratam do “caso Fallet”; transcrição cada uma das notícias em duas colunas a partir de seus aspectos visuais e verbais⁴; aplicação de um referencial de codificação que permita a interpretação do material; e seleção dos estratos ilustrativos do material analisado para composição de um texto interpretativo que sintetiza os apontamentos centrais da análise.

4.1 JORNAL NACIONAL - OPERAÇÃO POLICIAL NO RIO TERMINA COM 13 MORTOS⁵

A matéria tem 1’59’’ com a cabeça lida pela apresentadora. A polícia, embora não fale na matéria, é a fonte principal da história conforme indica o texto: “Os policiais disseram que foram recebidos a tiros, houve confronto. Treze pessoas foram mortas, dois homens ficaram feridos e onze foram presos.” Os sons dos tiros que são ouvidos em vários momentos da reportagem não foram captados pela equipe do Jornal Nacional, fazem parte das imagens feitas por amadores e publicadas nas redes.

Embora treze pessoas tenham sido mortas e um familiar denuncie a polícia por extermínio, ninguém explica, comenta ou responde à acusação. Os detalhes da operação ou do procedimento dos policiais não são abordados em nenhum momento. A polícia não fala e não há qualquer menção à tentativa de entrevista na reportagem. Apesar explicar o ocorrido como um “confronto”, o texto não informa se algum policial ficou ferido, se há marcas de tiros nas viaturas ou qualquer outro indício que sustente a versão oficial da polícia. Por último, não há nenhuma informação (nome, idade, etc.) sobre as vítimas fatais, sobre os feridos (estado de saúde) ou dos presos (nome, idade, etc.).

Uma característica em especial chama a atenção na reportagem do Jornal Nacional: a ausência de imagens do local onde aconteceram as mortes. A rua, a casa e a região onde tudo aconteceu não aparecem no telejornal. A história é contada sempre à distância, praticamente com o apoio de imagens amadoras, invariavelmente planos gerais, gravadas na vertical.

As imagens captadas pela equipe de reportagem mostram a parte externa do morro e a fachada do hospital. A passagem da repórter obedece a mesma lógica: ela está no asfalto, com o Fallet ao fundo, em segundo plano, e sem colete. Todos indícios levam a

⁴ A transcrição de cada uma das reportagens, conforme exemplo já mencionado, ficou de fora da versão final deste artigo devido à limitação no número de páginas. Porém, o material serviu de apoio para os textos de análise e aparece em estratos ilustrativos.

⁵ Título do vídeo disponível na página do Jornal Nacional. Disponível em: <https://goo.gl/Eanrvm>
Acessado em: 15/02/2019

crer que a história foi contada sem que houvesse um trabalho de observação ou apuração no local do fato. Como o texto indica, a única entrevista apresentada pela reportagem é com um familiar não identificado que foi encontrado pela equipe no hospital, distante da comunidade. Por último, as armas e as munições apreendidas na operação são mostradas a partir de fotos, provavelmente feitas pela Polícia Militar. Não há crédito nas imagens da comunidade e nem nas fotos eu na reportagem.

4.2 JORNAL DA RECORD - 13 PESSOAS MORREM EM CONFRONTO ENTRE POLICIAIS E TRAFICANTES NO RJ⁶

A reportagem do Jornal da Record tem 1'05'' e também explica o acontecido com a versão oficial sustentada pela polícia, o “confronto”, mas sinaliza com a possibilidade de uma outra hipótese: “execução”. Embora o repórter não deixe margem para dúvida na passagem – “houve confronto” – e não haja nada a respeito da possível “execução” no texto da matéria, a informação está na cabeça: “Segundo um representante da OAB Rio de Janeiro, moradores acusam os agentes de terem executado os suspeitos”.

A equipe de reportagem esteve próxima do local do crime – a passagem é gravada rua onde aconteceram as mortes – e acompanhou um protesto da comunidade que fechou ruas e queimou sofás. Mesmo assim, não há nenhuma sonora na reportagem. E espaço de fala da comunidade aparece ao final da matéria através de um sobe som. Ali, sem que se possa identificar de quem é a voz, sob uma imagem de uma rua vazia, ouve-se: “tacando (sic) bomba e dando tiro para cima da comunidade”.

O material apreendido aparece em imagens feitas pela equipe de reportagem. No texto, os mortos pela polícia são chamados de “suspeitos”. Vale destacar, em última análise, que não aparece no texto nenhuma informação sobre tentativa de entrevista com a polícia sobre a operação, as mortes ou mesmo a acusação de execução. O estado de saúde dos feridos também é ignorado. Sobre a identidade das vítimas, a cabeça informa que ainda não foram divulgadas. Apesar de tratar o acontecido como confronto, o texto não informa se algum policial ficou ferido ou qualquer outro indício que sustente a versão oficial da polícia.

4.3 JORNAL DO SBT - POLÍCIA MATA 13 PESSOAS EM COMUNIDADE DO RIO | SBT BRASIL⁷

⁶ Título dado ao vídeo publicado na página do Jornal da Record na internet. Disponível em <https://bit.ly/2IhoELW> Acessado em 15/02/2019

⁷ Título do vídeo publicado na página da internet do Jornal do SBT. Disponível em: <https://goo.gl/TOegua> Acessado em 15/02/2019

A reportagem do SBT é a maior entre as analisadas com 2'49". Também é a com maior número de vozes e diversidade de depoimentos, o que oferece perspectivas diferentes da comunidade a respeito da operação policial: há pessoas falando sobre a operação – denunciando a execução –, há outros reclamando da abordagem violenta da polícia e ainda um familiar de uma das vítimas, através do qual, aparece, mesmo que bastante superficialmente, a história de um dos mortos, mesmo que anonimamente: “Ele era mototaxi. Eles entraram dentro da casa dele e mataram meu primo”.

A abordagem do SBT deixa claro já na cabeça que existem pelo menos duas versões para o acontecido. É a única reportagem que não admite como fato posto o confronto. O texto do apresentador destaca ainda que “O Governo do Estado do Rio não se pronunciou até agora”. A informação valorizada na cabeça ajuda a dar importância, dimensão e gravidade ao fato.

No vídeo, como é característica do telejornal do SBT, uma ou duas frases que sintetizam a notícia ficam permanentemente na parte inferior da tela. O objetivo é contextualizar a audiência sobre o assunto em questão através de um grafismo. A decisão editorial para a frase foi dar visibilidade para denúncia da comunidade: “Operação policial termina com 13 mortos no Rio. Moradores dizem que suspeitos já tinham se rendido.”

A edição valoriza o trabalho da reportagem no local, as entrevistas com a comunidade e o clima nas proximidades da casa: “(off) quando a nossa reportagem chegou, a casa ainda tinha quatro pessoas. Elas estavam com medo e queriam a presença de jornalistas para se renderem. (sonora) Tá cercada, por favor, ajudem, por favor”. A equipe registrou também os protestos e os comerciantes fechando as portas devido ao medo. A repórter, vestindo colete à prova de balas, aparece duas vezes na matéria, ambas no local do fato. Essa característica da reportagem empresta credibilidade à narrativa da repórter, em última análise, ao telejornal.

O texto trata ainda de um dos pontos polêmicos que conflita duas versões: a polícia informou que os suspeitos foram levados, ainda com vida, a um hospital para atendimento. Porém, a reportagem exhibe uma foto na qual um policial aparece sentado sobre um corpo na parte traseira de uma caminhonete durante o transporte das vítimas para o hospital. O off final destaca que, segundo o hospital, os homens já chegaram mortos à instituição.

4.4 JORNAL DA BAND - 13 TRAFICANTES MORREM EM CONFRONTO COM POLÍCIA NO RIO⁸

O Jornal da Band é o único entre os quatro telejornais a não oferecer uma reportagem à sua audiência. A equipe colocou no ar uma nota coberta de 35'' com cabeça. Neste curto registro, o destaque é para o tratamento dado no texto para as vítimas da operação policial. Diferente dos demais que optaram por “homens”, “pessoas” e “suspeitos”, a Band sentencia, chamando de “criminosos” e “bandidos”: “Os policiais foram recebidos a tiros por mais de 20 criminosos e houve confronto. Treze bandidos foram mortos”.

O número de mortos aparece duas vezes no texto – na cabeça e no off gravado pela apresentadora –sem qualquer questionamento ou contraponto. Todas as imagens usadas para cobrir os textos em off são amadoras, provavelmente feitas por telefones celulares, e publicadas nas redes. Não fica claro se as imagens da movimentação de policiais armados fazendo abordagens foram gravadas no local da operação.

Por último, cabe destacar que a nota coberta não trata da hipótese de execução levantada pelos outros telejornais a partir de denúncias da comunidade e da OAB, ignora qualquer detalhe sobre as vítimas mortas, não menciona que também houve feridos e presos. O armamento apreendido é mostrado a partir de fotos provavelmente cedidas pela Polícia Militar.

4.5 PANORAMA GERAL – AS QUATRO REPORTAGENS

Aproximando, colocando as reportagens lado a lado, ficam evidentes as diferenças no tratamento dispensado à notícia. Há apenas uma característica comum a todas as matérias: nenhuma oferece contextualização, uma discussão mais ampla sobre as questões envolvidas no problema, suas origens e consequências.

J. NACIONAL	TEMPO	FORMATO	FONTE	SONORA
	1:59	Reportagem	Polícia/comunidade	Comunidade
	PASSAGEM	TRATAMENTO	CIRCUNSTÂNCIA	CONTEXTO
	Sim	Pessoas/homens	Confronto	Não
J. DA RECORD	TEMPO	FORMATO	FONTE	SONORA
	1:05	Reportagem	Polícia/comunidade	Não
	PASSAGEM	TRATAMENTO	CIRCUNSTÂNCIA	CONTEXTO
	Sim	Pessoas/Suspeitos	Confronto/execução	Não
J. DA BAND	TEMPO	FORMATO	FONTE	SONORA
	0:35	Nota coberta	Polícia	Não
	PASSAGEM	TRATAMENTO	CIRCUNSTÂNCIA	CONTEXTO

⁸ Título do vídeo publicado na página do Jornal da Band na internet. Disponível em: <https://goo.gl/WXZ69z> Acessado em 15/02/2019

	Não	Criminosos/bandidos	Confronto	Não
J. DO SBT	TEMPO	FORMATO	FONTE	SONORA
	2:49	Reportagem	Polícia/comunidade	Comunidade
	PASSAGEM	TRATAMENTO	CIRCUNSTÂNCIA	CONTEXTO
	Não	Grupo/suspeitos	Troca de tiros/execução	Não

Tabela de comparação entre as reportagens analisadas

Poder-se-ia pensar, quem sabe, que a rotina e o ciclo noticioso de 24 horas de um telejornal talvez tenham sido um impeditivo para um trabalho mais minucioso, complexo, profundo e interpretativo dos problemas em questão. Porém, o autor resolveu ampliar o corpus da pesquisa para buscar mais elementos que ajudem a entender o tratamento dispensado ao fato. Assim, foram analisados os quatro telejornais ao longo de uma semana – entre os dias 8 e 14 de fevereiro de 2019 – na busca de reportagens que oferecessem uma cobertura mais detalhada, mais aprofundada, ou, ao menos, algum desdobramento das questões que ficaram sem resposta, enfim, uma sequência natural do trabalho jornalístico numa cobertura dessa dimensão.

O resultado: em uma semana de telejornal nas quatro emissoras, apenas o Jornal Nacional e o Jornal do SBT produziram novas reportagens. O Jornal do SBT⁹, no dia 12 de fevereiro, quatro dias depois do fato, acompanhou os depoimentos de familiares dos mortos à Defensoria Pública. Já o JN¹⁰, seis dias depois da operação, tratou das investigações da Polícia e do Ministério Público sobre a denúncia de execução e recuperou as informações dos depoimentos.

Outra característica comum às reportagens que trazem sonoras é o fato das entrevistas serem apenas com pessoas da comunidade. Ninguém da polícia fala sobre a operação. Não há sequer uma nota oficial. Apenas o SBT deixa claro ter buscado um posicionamento sobre o caso, mencionando, inclusive, a falta de uma manifestação do Governo do Estado. Além disso, exceto o SBT também, as demais assumem a versão da polícia e tratam o confronto como verdade. A reportagem exibida no Jornal do SBT é a única que diz claramente que o confronto aconteceu “segundo a polícia”. Porém, informa que, “segundo os moradores”, o que aconteceu foi a execução de homens rendidos.

Por último, chama a atenção o fato do Jornal da Band, o único que não ofereceu uma reportagem sobre o tema aos seus telespectadores, tenha apresentado o texto mais convicto: a polícia agiu em resposta aos disparos dos “traficantes”, “bandidos” e

⁹ Defensoria do Rio ouve familiares das 15 vítimas da operação em Santa Teresa. Disponível em: <https://goo.gl/SFu2Bv> Acessado em: 15/02/2019

¹⁰ No Rio, Polícia e MP investigam ação da PM com 15 mortos no morro do Fallet. Disponível em: <https://goo.gl/238Be2> Acessado em: 15/02/2019

“criminosos”. Não há dúvida ou espaço para questionamento sobre as informações passadas pela polícia. Tudo isso numa nota coberta de 39”, sem repórter e nenhum trabalho de apuração no local.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 15 são mortas pela polícia, que carrega o título da que mais mata no mundo. Muitos são vítimas do erro policial, de uma falha técnica numa abordagem ou mesmo na ação de repressão a um crime. Estes merecem o lamento e até o luto. Outros são alvos intencionais de uma ação de extermínio.

São presos, julgados e condenados à morte no mesmo instante pelos agentes da segurança pública. Estimulados pela cultura do “bandido bom é bandido morto”, a ação policial, ao invés de críticas, recebe, muitas vezes, aplausos da opinião pública mais desavergonhada. Alguns comemoram em silêncio mais uma vitória na guerra que acompanham apenas pela televisão, mas que acontece não muito longe, nas periferias. E se a chacina for realmente eficiente, o policial ainda corre o risco de ser homenageado pelo poder público, satisfazendo a torcida ávida por sangue.

No dia 8 de fevereiro de 2019, a Polícia Militar do Rio de Janeiro subiu no morro do Fallet, entrou numa casa a partir da denúncia de que ali estavam escondidos cerca de 20 traficantes. Quatorze homens foram mortos a tiros – foram centenas deles – e dois ficaram feridos. Nenhum era policial. Os quatro telejornais mais tradicionais e de maior audiência do País noticiaram o fato. Essa cobertura jornalística no Jornal Nacional, Jornal da Record, Jornal do SBT e Jornal da Band foi objeto desta pesquisa.

Sobre a cobertura, de uma forma geral, é possível afirmar que ela não valorizou o fato na sua dimensão. Na Band, por exemplo, o fato foi noticiado por meio de uma nota coberta de 39”, já somado o tempo do texto lido na cabeça pela apresentadora. Nenhuma das quatro reportagens consegue entrevistar uma fonte – seja ela um policial responsável pela operação, o comandante do batalhão, o secretário de segurança ou Governador do Estado, responsável pela gestão da segurança pública em última análise – que responda pela operação que resultou nos 14 mortos.

Mais do que não entrevistar e questionar sobre a ação, apenas o SBT indica ter tentado. Isso é um indício do pouco valor dado à notícia. Ao não mencionar sequer a tentativa de entrevista, é possível interpretar que, na avaliação da equipe, não havia necessidade ou justificativa para tanto. De alguma forma, não ouvir a polícia significa

não alimentar a discussão sobre os erros e acertos da operação, de alguma forma, relativiza a tragédia, normatiza a violência policial e acomoda o senso comum.

Nas quatro reportagens, apenas um familiar foi ouvido. Sabemos, a partir desta entrevista, que um dos 14 mortos era mototaxista. E isso é tudo que sabemos sobre os 14 mortos. Nada mais. Nenhum nome, idade, profissão ou atividade profissional. Segundo a nota coberta lida pelo apresentadora do Jornal da Band, eram “bandidos”, “traficantes” e “criminosos”, embora os corpos ainda não tivessem sido identificados. As demais reportagens, de uma forma geral, se referem ao grupo como “suspeitos”.

A forma desumanizada de tratamento das vítimas, que não têm nome – sequer a uma menção sobre a identificação ou não dos corpos –, passado ou história, indica uma exploração única do conflito, das mortes e do acontecido. Não ajuda a compreensão das motivações, consequências e, ainda menos, oferece qualquer possibilidade de saída ou solução. Além disso, reforça uma perspectiva maniqueísta do bem contra o mal, do nós contra eles, dos mocinhos e dos bandidos. Não explica, contextualiza ou problematiza questões tão sérias e importantes como a violência urbana, o tráfico de drogas e a violência policial.

Vale destacar que, no dia seguinte ao fato, mesmo com tantas perguntas não respondidas e suspeitas de que tenha acontecido um extermínio no morro do Fallet, nenhum dos quatro telejornais voltou ao assunto. Quanto valem 14 vidas numa comunidade pobre na periferia do Rio de Janeiro? O telejornalismo silenciou.

Em contrapartida e apesar de tudo que já foi dito, a operação – que é alvo de denúncia a Defensoria Pública e investigação da própria polícia e do Ministério Público – recebeu o apoio aberto de autoridades que fizeram manifestações públicas de aprovação, independente daquilo que venha a ser apurado. Há, inclusive, uma proposta de homenagem à Polícia na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro pela “eficiência” dos policiais.

Por isso, é importante que o jornalismo – em especial a televisão pela abrangência e influência nas mais diferentes classes sociais – seja mais comprometido com a construção da cidadania e com a cultura de paz. O poder da transformação está na essência do jornalismo. É preciso exercê-lo, numa reafirmação do papel do jornalista na sociedade. Ou corremos o risco de nos tornarmos dispensáveis.

6. REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CABRAL, R.; SALHANI, J. **Jornalismo para a paz: conceitos e reflexões**. E-Compós, v. 20, n. 3, 24 dez. 2017.
- CANNITO, Newton. **A Televisão na Era Digital: Interatividade, Convergência e Novos Modelos de Negócio**. São Paulo: Summus, 2010.
- CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e Poder**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- LYNCH, J.; MCGOLDRICK, A **Peace Journalism**. In: WEBEL, C.; GALTUNG, J. (Orgs.). *Handbook of Peace and Conflict Studies*. Nova York: Routledge, 2007. p.248-264.
- REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.
- SCZPACENKOPF, Maria Izabel. **O Olhar do poder: a montagem branca e a violência no espetáculo telejornal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- WOLTON, Dominique. (1996). **Elogio do grande público: teoria crítica da televisão**. São Paulo. Editora Ática.